

Anotações sobre ser bem-sucedido*

Robert M. Solow[§]

Como o editor desta coletânea pode testemunhar, minha tendência foi resistir ao seu convite para contribuir com ela. Minha relutância teve duas razões, uma geral e uma específica.

A razão geral foi um sentimento que o interesse em personalidades já tinha ido além do que é saudável na literatura econômica e, mais ainda, na cultura em geral. Não imagino que alguém seja estúpido o bastante para dizer ou acreditar que as características pessoais de um autor têm alguma relação com a verdade ou com a falsidade ou com o valor de seu trabalho escrito. Não contestaria que os traços pessoais de um autor têm alguma coisa a ver com o sucesso diferencial e com a difusão de idéias dentro da profissão e mais ainda fora da profissão. Mas isso é para se lamentar; e, mesmo sendo inevitável, certamente não deve ser encorajado. Nem por um momento penso que esta coleção de ensaios pretenda ter esse efeito. Mas é, contudo, um artefato cultural e eu estou desestimulado a sondar corações e mentes das pessoas que devem, de alguma forma importante, ser anônimas. Com certeza, o culto da personalidade não é de grande importância em economia. É de grande importância em política como, por exemplo, nos Estados Unidos, que acabou de passar por uma campanha presidencial que parecia não somente estar destituída de idéias, mas positivamente determinada a evitar que elas interferissem na eleição.

A razão específica foi diferente. Não penso que tenho uma “filosofia de vida” A frase sugere algo significativo, buscando consistência e, talvez, universalidade, a qualidade de ser recomendável a outros. Quando me pergunto sobre minha filosofia de vida, acho que seu primeiro (e último) princípio deve ser: não ter nenhuma. Mas então decidi que não iria nem mesmo oferecer essa recomendação. Ocorreu-me que o que tenho, em vez de uma filosofia de vida, são umas poucas orientações para o sucesso. Não pode causar nenhum

* Este artigo está sendo publicado com a autorização do próprio autor e da Cambridge University Press. Originalmente, esse texto, *Notes on Coping*, foi publicado em Michael Szemberg ed., *Eminent Economists. Their Life Philosophies*. Cambridge University Press, 1992.

§ Institute Professor of Economic at Massachusetts Institute of Technology and the 1987 winner of the Nobel Memorial Prize in economic science.

dano dizer o que penso sobre elas. Quero enfatizar que este é um trabalho empírico, não uma teoria. Penso que são coisas que observo em meu próprio comportamento e não regras que sempre formulei e debati comigo mesmo ou com minha esposa. Aqui estão alguns exemplos.

Não se leve muito a sério. A vida é cheia de pequenas ridicularias, incluindo as suas próprias. É muito difícil reconhecer as suas, mas, pelo menos, você pode evitar ser pomposo sobre elas. Acredito que muitos dos erros vêm do entrelaçamento de idéias e egos. As piores conseqüências podem ser evitadas com um pouco mais de atenção ao humor que existe em tudo. Sei que, ocasionalmente, violei esta orientação, mas imagino que a essência da máxima é não se aborrecer também com isso. Há um reverso para essa máxima e “reverso” é a palavra correta. Estou certo que, freqüentemente, rejeito, com uma piada, o que deveria enfrentar. Se você não se leva a sério, pode-se concluir, algumas vezes, que você não é sério. Não tenho que lembrar a meus colegas de profissão que sempre tem-se que escolher entre dois tipos de erros. Nenhuma receita para o sucesso é perfeita.

Se você vir algo que precisa ser feito, faça-o. Não me é fácil explicar o que quero dizer com esta orientação, mas penso que ela tem estado profundamente arraigada em mim, há um bom tempo. Acredito que fui promovido para “Acting Corporal”, aos dezenove anos, por causa desta característica. Suponho que ela englobe uma contradição parcial da injunção convencional de ter claro quais são suas prioridades antes de agir. Na minha mente, as prioridades não são tão claras a tal ponto que alguém deva deixar passar uma oportunidade para fazer alguma coisa útil. Talvez isso também reflita a minha crença de que é muito mais positivo fazer remendando do que partindo do zero. Reivindico para esta abordagem que ela se enquadre na injunção Hipocrática para que o médico “não cause danos” e que métodos graduais sejam uma receita geral para otimização local. E o que dizer sobre otimização global? Boa questão. Meu receio é que esses entusiastas de máximos globais corram o risco de desabar de rochedos íngremes. Do lado negativo, sei que, às vezes, me encontro fazendo trabalhos sem sentido, quando poderia, provavelmente, gastar meu tempo com coisas mais úteis. Minha esposa lembra-me de que uma vez, quando descobrimos que o mecanismo automático de despertar no nosso quarto de hotel não estava funcionando, gastei uma hora e meia tentando consertá-lo. (Eu o coloquei em funcionamento. Uma vez.) Nenhuma receita para o sucesso é perfeita.

Não abandone a equipe. Espero querer dizer aqui mais que uma mera trivialidade. Minha impressão é que as realizações mais úteis são feitas em equipe. Isto não quer dizer somente equipes do tipo companhias do exército, organizações esportivas e departamentos acadêmicos, mas, também, comunidades de pesquisa que estão interessadas em um

problema comum, mas que só interagem diretamente uma vez ou outra. Assim, considero seguramente fazer sua parte do trabalho de grupo como uma virtude cardinal. É desnecessário dizer que gastei muito do meu tempo lutando para manter-me acordado em reuniões enfadonhas. Nem toda iniciativa coletiva tem valor. Mas é tanto estimulante quanto eficiente fazer parte de um grupo de moral elevada, bem-sucedido, que sente prazer porque é produtivo e é produtivo porque sente prazer naquilo que faz. Claro, atenção exagerada a esta máxima teria arruinado Beethoven ou Proust. Nenhuma receita para o sucesso é perfeita.

Provavelmente eu poderia pensar em um par adicional de máximas e defendê-las como meio de ser bem-sucedido diante da complexidade da vida. Mas elas não seriam nem mais grandiosas e nem mais incontestáveis que essas. Eu não as consideraria de outra forma.

Esses pensamentos têm alguma relevância para a prática da ciência econômica? Seria absurdo supor que, dessas generalidades, seguem-se algumas regras metodológicas. Mas acredito que poderia reivindicar que elas sejam, pelo menos, peculiarmente compatíveis com certos preceitos (ou preconceitos) metodológicos.

Por exemplo, acho que não faz nenhum bem à economia ser ambiciosa. Nos últimos anos tenho ouvido físicos de partículas dizerem que eles estão à beira de uma Teoria de Todas as Coisas. Não tenho nenhuma opinião sobre a física teórica. Porém minha visão é de que a economia está excluída de ter uma Teoria de Todas as Coisas, não só porque ela é muito complexa, mas por razões mais profundas.

De uma forma bem clara, o comportamento econômico depende da natureza das instituições sociais (e das crenças e atitudes determinadas culturalmente ou, melhor ainda, das crenças e atitudes enquanto filtradas pelas instituições sociais). Adeptos de uma Teoria de Todas as Coisas em economia diriam, “Ok, mas então nós só temos que incluir a escolha das instituições sociais como um processo endógeno.” Penso que esta resposta está errada, não apenas difícil de ser executada, mas errada. Instituições sociais não são escolhidas, elas evoluem. Sem dúvida, esta evolução está sujeita a pressões seletivas; é improvável que instituições sociais completamente disfuncionais sobrevivam. É certo, entretanto, que uma série de arranjos institucionais e padrões de comportamento se mostrarão viáveis. Esta espécie de indiferença evolucionária pode ocorrer porque elas são mais ou menos equivalentes no que diz respeito à sobrevivência, ou porque elas aparecem em agregados interconectados muito difíceis de mudar, ou porque a pressão competitiva entre esses agregados não é forte o suficiente. Mesmo na evolução biológica, onde a pressão seletiva é, sem dúvida, muito mais intensa, parece existir muitas características que persistem sem

nenhuma razão particular enquanto não se tornarem ativamente prejudiciais. Este deve ser ainda mais o caso na evolução social. A conversa sobre “escolha ótima de instituições” não é somente uma metáfora, mas uma metáfora ruim. A consequência é que a economia deve prestar muita atenção nas instituições locais, porque elas são importantes na definição do comportamento.

Portanto, penso que a economia não deve levar-se muito a sério, mas ocupar-se apenas de fazer aquilo que precisa ser feito. É dito, algumas vezes, que a economia, praticada desse jeito gradual que sugiro, resulta somente numa vasta coleção de pequenos modelos, somente relacionados tenuamente entre si, no melhor dos casos. Eu posso viver com isso. É muito melhor do que insistir num modelo simples unificado que está equivocado sobre quase todas as coisas particulares.

O único candidato, até agora, para uma Teoria de Todas as Coisas em economia tem sido a teoria do equilíbrio geral competitivo. Ela já foi imensamente valiosa por demonstrar que um sistema de mercados não regulados poderia, em princípio, gerar ordem ao invés do caos. Sem esta demonstração a economia moderna não seria absolutamente possível. Esta é uma terrível razão para se prender ao modelo global, mesmo onde ele é inadequado, i.e., em quase todas as situações. Existem alternativas, e quanto mais, melhor.

Em outras palavras, penso que minhas máximas gerais para o sucesso são especialmente compatíveis com uma abordagem oportunista para fazer teoria econômica. Não quero dizer “oportunista” no sentido “imoral”, mas como uma curta expressão para “não desejar sacrificar um *insight* no altar da pureza metodológica.” Parece-me que esta preferência pelo oportunismo acima do formalismo se aplica ao trabalho empírico tão apropriadamente quanto à teoria. Nesta esfera, penso que oportunismo sugere que deveríamos explorar gratamente toda evidência disponível que podemos encontrar. Análise formal de série temporal é maravilhosa quando leva a respostas robustas para questões interessantes. A experiência sugere que dificilmente isso acontece. Então, temos que reunir, ao mesmo tempo, tudo o que podemos de observação casual, questionários, crenças folclóricas, narrativa histórica e tudo o que nos chegar às mãos. Claro, é muito difícil dar algum sentido plausível a essas migalhas, mas a alternativa parece ser pior. Penso que o economista está na posição aqui atribuída ao historiador: “*Num historiador, não devemos ser críticos de toda particularidade não relacionada a seu grande design; mesmo assim, penso que se deve ser, mas só para exigir que aquilo que ele escreve seja verdade.*” (Isto é de Henry Stubbe, “The Lord Bacons Relation of the Sweating-Sickness Examined” [1671]. Claro, eu não sou capaz de descobrir essas preciosidades por mim mesmo; está citado em Christopher Hill’s *The Experience of Defeat* [1984].)

O que dizer a respeito da minha crença peculiar sobre a importância de iniciativas de equipes? Não estou certo de que haja qualquer coisa paralela ou análoga no método econômico. Talvez explique por que acho que ensinar seja uma importante atividade e, em si mesma, parte do avanço do conhecimento, e por que, algumas vezes, tenho a sensação de que demandamos demais de um tipo superficial de “originalidade” de nossos pós-graduandos. Mas isso estaria alongando demais a minha idéia.

